

Bruno de Menezes

Cronologia da vida e da obra

1893

BENTO BRUNO DE MENEZES COSTA nasce em Belém, no bairro do Jurunas, no dia 21 de março, filho de Dionízio Cavalcante de Menezes e Maria Balbina da Conceição Menezes.

Faz os primeiros estudos com a professora Gregória Leão de Matos, cuja escola particular ficava vizinha à estância "Jaqueira" e posteriormente, no Grupo Escolar José Veríssimo, onde terminou o curso primário.

Menino ainda, torna-se aprendiz de encanador, tendo como companheiro de ofício Tó Teixeira, que viria a ser mestre de violão e grande nome da cultura popular paraense.

Como aprendiz de gráfico, trabalha na Livraria Moderna, de Sabino Silva e mais tarde como semi-operário afeito das artes de oficina, passa-se para a Livraria Gillet e já na qualidade de mestre, presta serviços à Livraria Bittencourt. O contato com livros literários desperta em Bruno o desejo de saber, o gosto pela leitura, tornando-se um apaixonado pelos livros, incansável autodidata.

1913

Estréia como poeta com "O Operário", soneto parnasiano publicado no "Martelo".

Assina vários artigos na imprensa reivindicadora, como os jornais "O Semeador", "O Correio de Belém", "O Combate", "Jornal Pequeno", "Jornal do Trabalhador", e "Jornal do Povo".

1916

Faz parte da Academia dos Poetas Paraenses, de efêmera duração e que se reúne na casa de Lucílio Fender.

O "Peixe-Frito" é o símbolo dessa Academia e do grupo boêmio e sonhador, iniciantes entusiastas da literatura, da música e da pintura — Abgvar Bastos, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Jacques Flôres, Nuno Vieira, Muniz Barreto, Sandoval Lage, Clóvis de Gusmão, Orlando de Moraes, Lindolfo Mesquita, Ribeiro de Castro, Rodrigues Pinajé e Bruno

de Menezes. A esse grupo, embora sem participar das noites, estavam ligados Antônio Tavernard e Ernani Vieira.

1920

Publica seu livro de estréia, *Crucifixo*, composto e impresso nas oficinas da Livraria Moderna, em dezembro, pelo próprio autor e pelo seu amigo Jacques Flôres.

1921

Em 16 de julho, casa-se com a professora Francisca Sales Santos. Desse casamento nascerão Monsenhor Geraldo, a irmã Maria e o magistrado Stélio, o médico José Haroldo e as professoras Maria Ruth, Maria de Belém e Lenora.

1922

Publica os poemas "Rosa Mística" e "Louvor a São Caetano da Divina Providência", exemplos marcantes de seu catolicismo, escondido pelo aparente ecletismo religioso.

1923

Passa a trabalhar no Tesouro do Estado (Secretaria da Fazenda), levado pelo compadre e acadêmico Apolinácio Moreira, onde vai escalando os postos superiores até alcançar a posição de oficial do imposto territorial.

No dia 15 de setembro é lançada a revista "Belém-Nova", congregando um grupo de jovens intelectuais e uma idealização de Bruno e da qual foi diretor. Esse periódico se constitui o órgão propagador, no Pará, da nova corrente poética advinda da Semana de Arte Moderna de 22, em São Paulo. Através dela Belém do Pará é a terceira capital a aderir ao Modernismo no Brasil, consagrando Bruno de Menezes como pioneiro desse movimento na Região.

Pertence, então, ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará e à Comissão Paraense do Folclore.

1924

Lança *Bailado Lunar*, dedicado à Apolinácio Moreira, seu constante protetor e colaborador. O livro é uma edição das oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré.

Mário de Andrade e Raul Bopp incentivam e aplaudem o novo trabalho do poeta paraense, considerando-o como um dos renovadores da poesia nacional e digno representante do Modernismo liderado por Graça Aranha.

1931

Lança *Poesia*, impresso na tipografia Guará, contendo as melhores composições de *Crucifixo* e *Bailado Lunar* e mais 55 novos poemas, dez dos quais farão parte, mais tarde, do livro *Batuque*.

1937

Publica *À Margem do Cuia Pitanga*, ensaio sobre a obra de Jacques Flôres, escrito em 1936, que vale como um depoimento e uma análise do movimento intelectual da época, na visão dos novos.

1942

No dia 3 de maio, a Academia Paraense de Letras o elege para a cadeira n.º 32, patrocinada por Natividade Lima.

1944

Em 30 de maio toma posse na Academia Paraense de Letras, sendo saudado pelo acadêmico Osvaldo Viana.

1950

Publica a novela "Maria Dagmar", numa edição de Getúlio Costa, do Rio de Janeiro. Essa novela impressionista, de inspiração fialhesca, já fora publicada no período de janeiro a março de 1924, na revista "Belém Nova".

1952

Representa o Pará na 1.ª Reunião de Chefes de Agência do Serviço de Economia Rural, onde atuava como Secretário da Comissão Diretora e Presidente da Subcomissão do Vale da Amazônia.

Exerce o cargo de Secretário da Federação dos Pescadores do Pará (de 1952 a 1955).

Representa o Pará no "Centro Nacional de Estudos Cooperativistas".

Organiza, dirige e ministra ensinamentos no Cur-

so Prático de Cooperativismo promovido pela Federação de Associações Rurais do Pará, onde exercia o cargo de assistente técnico.

1953

Publica *Lua Sonâmbula*.

1954

Publica *Candunga*, sua estréia no romance, e por ele recebe o Prêmio "Estado do Pará".

1955

Como membro da Comissão Estadual da Campanha Nacional da Reforma Agrária apresenta a tese intitulada "Em defesa da Economia", programa posto em execução pela administração do Banco de Crédito da Amazônia.

1957

Lança ao público o livro *Poema para Fortaleza*, no qual, em 157 versos livres, o poeta louva a capital cearense. Prefaciado pela folclorista Maria Brígida e impresso na editora A. Batista Fontenelle, do Ceará.

1958

Publica o auto popular *Boi-Bumbá*, editora H. Barra, que, segundo Câmara Cascudo, é um documento vivo e fiel do auto, modelar no plano de pesquisa direta no meio do povo.

1959

Lança *São Benedito da Praia*, numa manhã de autógrafos, onde é servida cachaça de Abaeté e saboreado o peixe-frito. Valioso trabalho folclórico.

Em jornais e revistas publica "Mitos da Região Amazônica", "Desafios e encontros de Bumbás", "A cozinha do extremo Norte do Pará e Amazonas", "Carimbó", "Aspectos Folclóricos do Pará", "Dístico em pára-choques de veículos", "O Flamboyante da Trindade", "O Pau-D'arco do Jurunas", "As Palmeiras de Mauriti" e "Folclore Junino", importante material para estudos de folclore e cooperativismo.

1960

Recebe o 1.º prêmio do concurso literário da Academia de Letras de Ilhéus, concorrendo com cerca de 100 poetas brasileiros. Do Júri fazem parte Manoel Bandeira, Álvaro Moreira e Antônio Olinto.

No dia 6 de dezembro, a Academia Paraense de Letras consagra o talento de Bruno de Menezes em festa comemorativa de seus 40 anos de atividades literárias.

1963

Aos 70 anos de idade, no dia 2 de julho, falece subitamente em Manaus, de infarto do miocárdio. Encontrava-se na capital amazonense, participando, como jurado, do VII Festival Folclórico, representando o Pará, para dar um curso de folclore no Sesc-Senac e Curso de Cooperativismo no então Banco de Crédito da Amazônia (hoje Basa).

Seu corpo é velado na sede da Academia Amazonense de Letras.

No dia 3 de julho seu corpo chega a Belém, para a antiga sede da Academia Paraense de Letras, na travessa 13 de Maio.

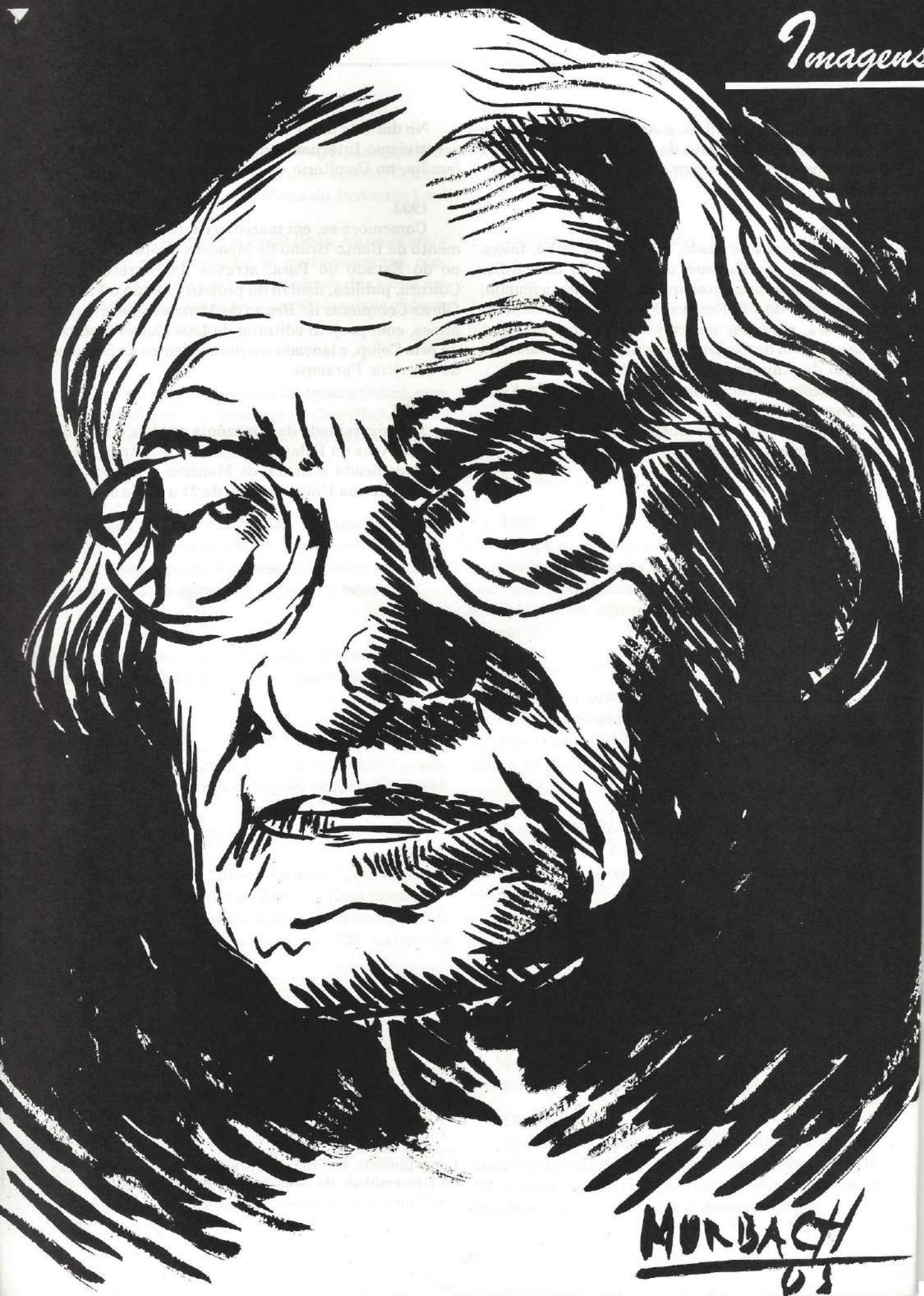
No dia 4 de julho, coincidentemente, Dia do Cooperativismo Internacional, é sepultado no jazigo da família, no Cemitério de Santa Izabel.

1993

Comemora-se, em março, o centenário do nascimento de Bento Bruno de Menezes Costa. O Governo do Estado do Pará, através da Secretaria da Cultura, publica, dentro do projeto "Lendo o Pará", *Obras Completas de Bruno de Menezes*, em três volumes, com projeto editorial de Lais Zumero, editado pela Cejup, e lançado em junho, dentro da Semana do Escritor Paraense.

1996

A Universidade da Amazônia publica o n.º 5 da Revista *Asas da Palavra*, do Curso de Letras, totalmente dedicada a Bruno de Menezes e lançada durante a Semana Universitária, de 21 a 25 de outubro.



MURBACH
03

Ficou tudo na paisagem

Bruno de Menezes

Meus olhos cansados de paisagens
são hoje do homem que a terra não quer.
Boiúnas e botos, cavalos-marinhos,
o grande mistério do mundo imaturo,
não valem o homem que a selva assombrou.

As águas barrentas,
os bichos com medo das cobras possantes,
as garças cismando à beira dos mangues,
as flores dos lagos, orquídeas da mata,
não servem ao homem que a febre acabou.

Ficou na paisagem o nosso passado,
o tempo perdido com tanto rimário
louvando Amazonas e muiiraquitãs...

Agora que o tempo da inércia vai longe,
voltemos ao homem escravo na terra,
que espera o futuro, mas não despertou!

1940

Mãe preta

Bruno de Menezes

No acalanto africano de tuas cantigas,
nos suspiros gementes das guitarras,
veio o doce langor
de nossa voz,
a quentura carinhosa de nosso sangue.

És Mãe Preta uma velha reminiscência
das cubatas, das senzalas,
com ventres fecundos padreando escravos.

Mãe do Brasil? Mãe dos nossos brancos?

És, Mãe Preta, um céu noturno sem lua,
mas todo chicoteado de estrelas.
Teu leite que desenhou o Cruzeiro,
escorreu num jato grosso,
formando a estrada de São Tiago...

Tu, que nas Gerais desforraste o servilismo,
tatuando-te com pedras preciosas,
que deste festas de esmagar!
Tu, que criaste os filhos dos Senhores,
embalaste os que eram da Marquesa de Santos
os bastardos do Primeiro Imperador
e até futuros Inconfidentes!

Quem mais teu leite amamentou, Mãe Preta?...

Luiz Gama? Patrocínio? Marcílio Dias?
A tua seiva maravilhosa
sempre transfundiu o ardor cívico, o talento vivo,
o arrojo máximo!

Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?
Foste tu que na Bahia alimentaste o gênio poético
de Castro Alves? No Maranhão a glória de Gon-
çalves Dias?
Terias ungido a dor de Cruz e Souza?

Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta!

Gostosa, contando a história do Saci,
ninando murucú-tú-tú
para os teus bisnetos de hoje...

Continuas a ser a mesma virgem de Luanda,
cantando e sapateando no batuque,
correndo o frasco na macumba,
quando chega Ogum, no seu cavalo de vento,
varando pelos quilombos.

Quanto Sinhô e Sinhá-Moça
chupou teu sangue, Mãe Preta?!...



Dona Maria Balbina da Conceição Menezes, mãe de Bruno (na intimidade Mãe Balbina), nascida a 4 de dezembro de 1876, em Belém-Pará.

Agora, como ontem, és a festeira do Divino,
a Maria Tereza dos quitutes com pimenta e com
dendê.

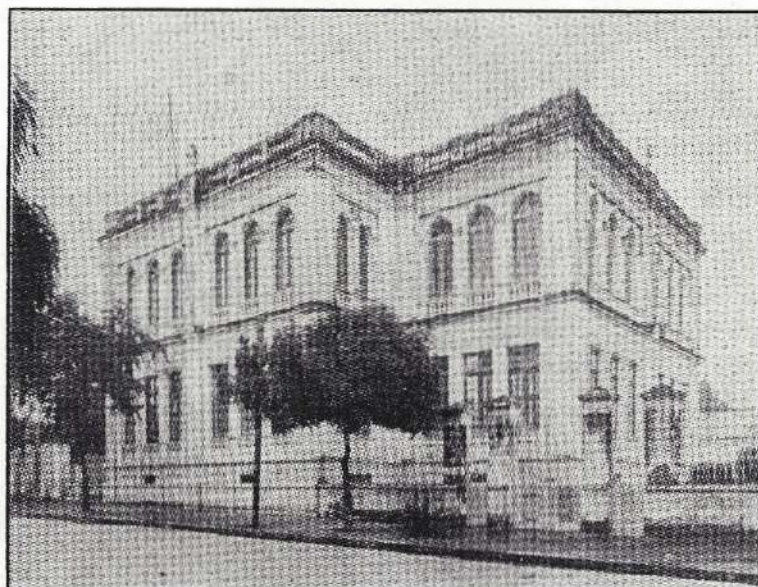
És, finalmente, a procriadora cor da noite,
que desde o nascimento do Brasil
te fizeste "Mãe de leite"...

Abençoa-nos, pois, aqueles que não se envergo-
nharam de ti

Que sugamos com avidez teus seios fartos
— bebendo a vida! —

que nos honramos com o teu amor!

TUA BÊNÇÃO MÃE, PRETA



▲ Grupo Escolar José Veríssimo, em Belém, onde Bruno de Menezes terminou o curso primário

Num sorriso...

Bruno de Menezes

Não investigues meu passado...

A Vida é uma alvorada,
é a Canção da Alegria
para o homem que a contempla deslumbrado

Não investigues meu passado...

Tu és a Vida e esta Canção e esta alegria
que me deslumbram!... És a Mulher...
A mais amada!

Vive por mim! Sonha esta hora fugidia...
A vida é um dia
que crepuscula no rosicler...

Queres saber do meu passado?
A minha vida é só memória,
é inferno, é céu, é paraíso.

Procura toda a minha história
na triste flor do meu sorriso...

CRUCIFICADO!...

XVIII

Abriste os braços-Cruz humana --
no Calvario do meu ser.
Paixão de um Deus, -- uma ^{semana}!
Crucificado ~~eu~~ vim morrer...

Jogam até a minha túnica,
que me despiam sem pudor,
Dão-me esta Cruz, -- a ^{glória} única
que possuirei seja onde for.

Meu corpo exangue, ^{alanceado}
com cinco chagas, vai ter fim.
^{cuja} Magdala, o ^{amor} hystérico;
quem prega Ideias, morre assim.

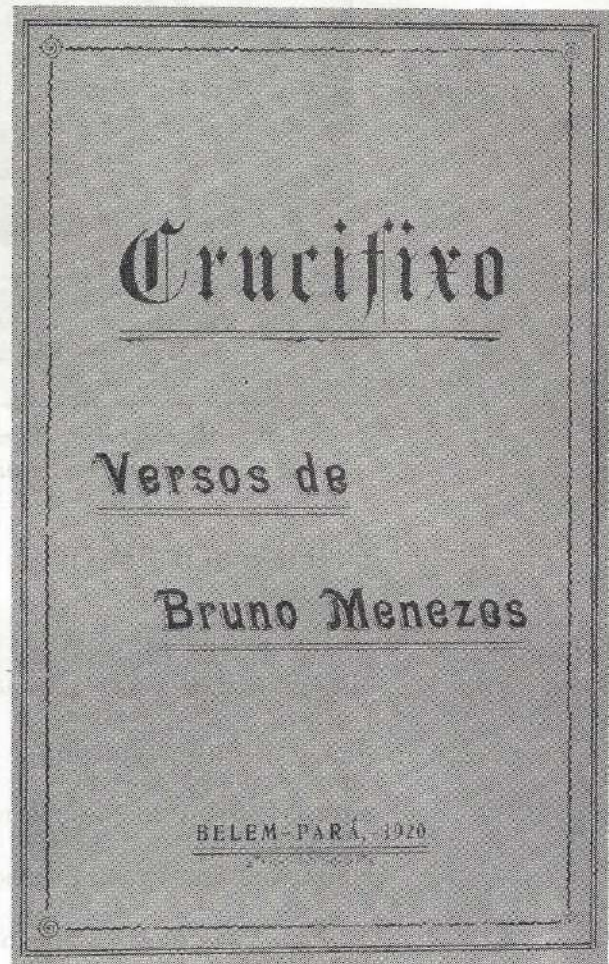
Si, como Rei, não tive um throno,
trouxe um Ideal às multidões.
Quando eu dormir o ultimo somno,
compreender-me-lão os corações.

Dizem "tres horas de agonia"
quando eu nasci a agonizar.
Si todas mães fossem "Maria"
a minha estava num altar.

Eu não sei quantas "sextas-feiras"
teve, e ha de ter, esta paixão.
Ha annos, tristezas carpideiras
levam meu corpo em procissão.

* * *

Mas si eu morri! -- não é preciso
um Crucifixo, as mãos em cruz:
Digo, num som, ^{handy indeciso}
que eu sou Christo, e tu és a Cruz. /o/



▲ Capa da primeira edição de *Crucifixo*, em 1920, livro inaugural de Bruno na poesia.

◀ Fac-símile do poema "Crucificado!..." com anotações de próprio punho do autor; em *Bruno de Menezes Obras Completas*, coleção Lendo o Pará, mantida a ortografia da época.



▲ **Grupo de intelectuais "modernistas" no Estado do Pará — 14 de junho de 1924 — Belém do Pará: de pé, da esquerda para a direita: Paulo de Oliveira, Bruno de Menezes, Edgard de Souza Franco e Farias Gama. Sentados, na mesma ordem: De Campos Ribeiro, Abgar Soriano de Oliveira (pernambucano) e Clóvis de Gusmão.**

Arte nova

Bruno de Menezes

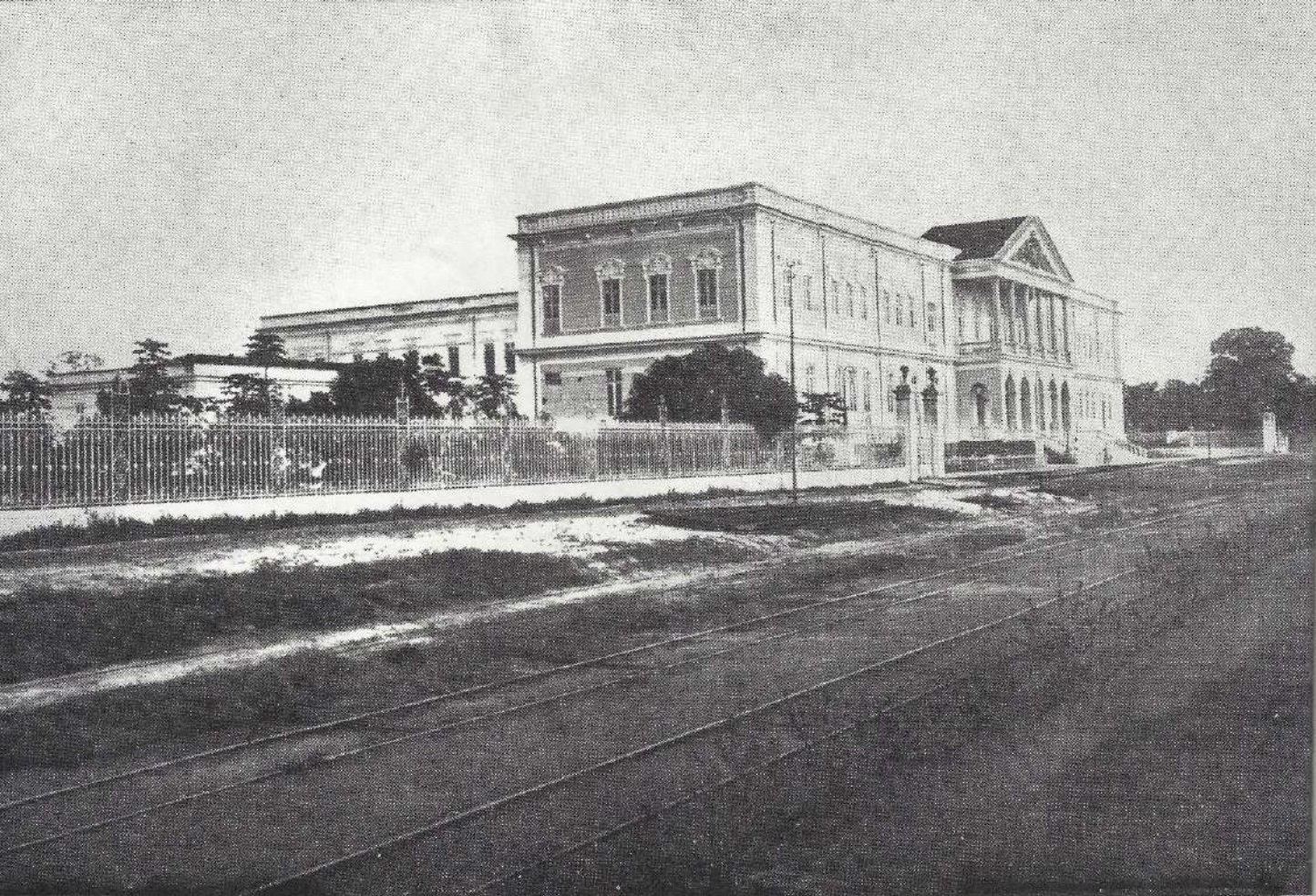
Eu quero um'Arte original... Daí
esta insatisfação na minha Musa!
Ânsias de ineditismos que eu não vi
e o vulgo material inda não usa!

E a Idéia é ignota... A Perfeição em si,
tem segredos de morte e alma reclusa...
Sendo a glória espinhosa, — eu me feri...
justo é, pois, que este sonho arda e relusa!...

Toda a volúpia estética do Poeta
que eu sou, — para a Poesia que em mim sinto,
provém desse Querer em linha reta!

Gloriosa um'Arte que os Ideais renova!
— Razão da causa por que eu me requinto
na extravagância de uma imagem nova!

◀ Os versos deste poema, publicados em um jornal de Belém em 1920, antes, portanto, da *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo, de 1922, atestam o pioneirismo de Bruno de Menezes no Modernismo.

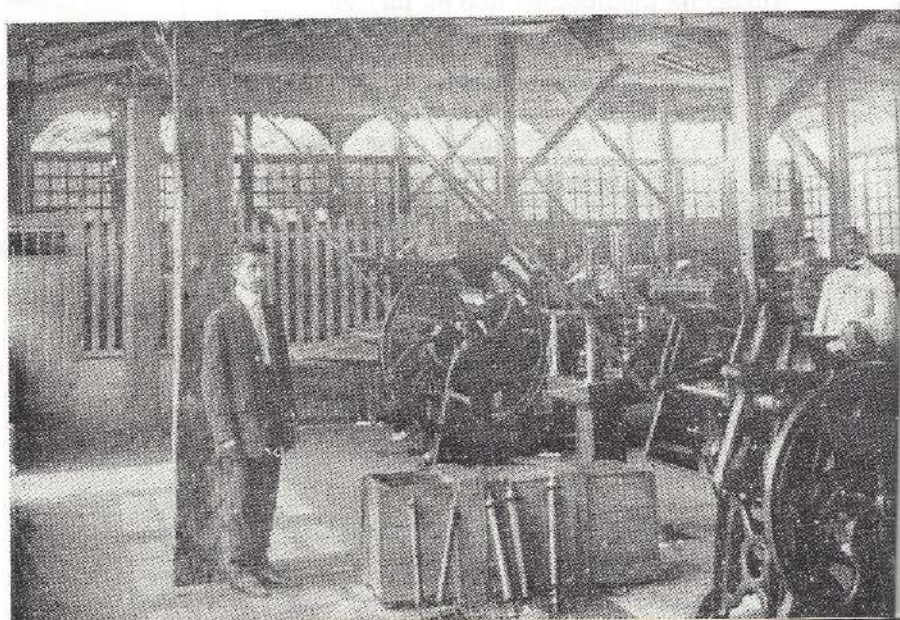


▲ Instituto Lauro Sodré, em cujas oficinas gráficas foi impressa, em 1924, a primeira edição do livro *Bailado Lunar*, de Bruno de Menezes

Terminou-se a impressão deste livro, em 31 de março de 1924, nas oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré, sendo seu diretor, o sr. Raymundo Machado, chefe técnico o sr. Benevenuto Ribeiro e mestre e contramestre das oficinas gráficas, os srs. Ildefonso Silva e Severino Costa.

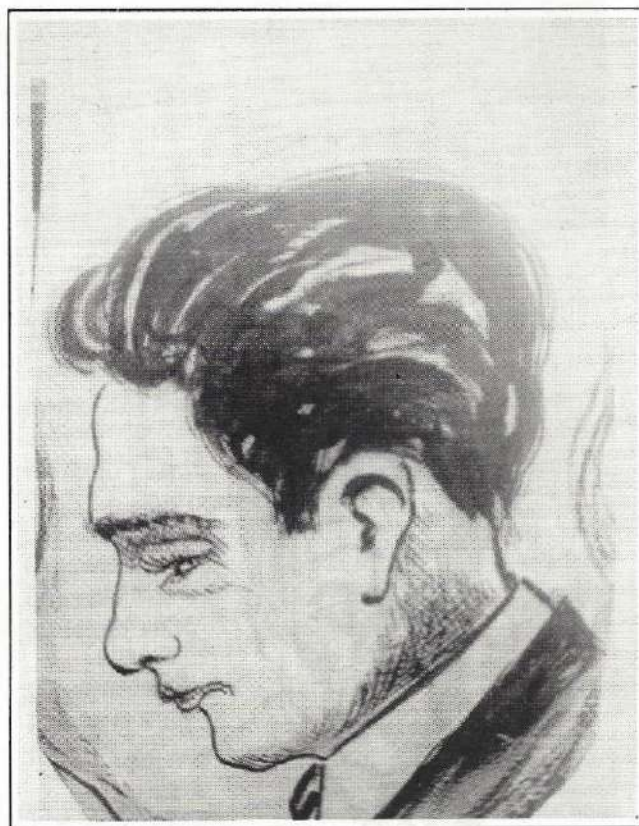
Belém — Pará — MCMXXIV.

Oficina de tipografia (oficina gráfica) do Instituto Lauro Sodré, onde também era impressa a revista "*Belém-Nova*", idealizada e dirigida por Bruno de Menezes e lançada a 15 de setembro de 1923.





▲ Detalhe da capa do livro *Bailado Lunar*, ilustrada pelo desenhista Luiz Silva, em 1924.



Chapeleirinhas

Chapeleirinhas pobretãs dos olhos mansos:

E' dessas mãos habilidosas
a trabalharem sem descansos
dando vida às plumas, colorindo as rosas,
que sahem esses chapéus ultra elegantes
da menina leviana e da mulher «coquette».

Trabalham tanto as chapeleiras, pobrezinhas.
Sangram os dedos, cançam a vista
à luz do dia, à luz das lampadas cegantes,
fazendo voar azas inertes de andorinhas,
a completar com um chapéu lindo uma «toilette».

Chapeleirinhas! As mulheres elegantes
se isto soubessem nem queriam dar na vista.

É uma heroína a minha pobre «midinette»...

▲ *Fac-símile de um dos poemas de Bailado Lunar*
(mantida a ortografia da época)

◀ *Bruno, no desenho de Andrelino Cota,*
feito para o livro Bailado Lunar.



◀ Bruno de Menezes, fotografado no dia do seu aniversário (21.03.1931). João Baraúna é um dos seus pseudônimos.

“Ciclo da minha vida! — o infortúnio e o trabalho,
O homem sempre a lutar para atingir um fim!
É como eu sou... Vivendo entre o aláude e o malho
para ter a alma e o corpo em perpétuo festim.”

(em Soneto de Aniversário) Bruno de Menezes



▶ Bruno, no desenho de Di Ágelis



Inconsciência

Bruno de Menezes

Homem rural:

Olha ao alto o sol pleno,
bebe a luz pelos olhos!

Curvas tanto a cerviz e o dorso nu para a terra
que não vês o esplendor!
a aleluia solar do nosso meio-dia!

Encara de frente a luz!

Ela faísca na tua enxada,
fagulha na tua bigorna!

E é tudo aurora, é tudo o futuro que ignoras...

Brasileiro:

olha ao alto o sol pleno,
e bebe a luz pelos olhos!



◀ Poema não incluído em *Obras Completas*. Foi publicado na "Revista Amazônia".

BRUNO

cehido pelo Papa a 4, em audiência privada. No Consistorio secreto, a 11 de dezembro, foi o mesmo arcebispo, feito cardinal. A im- posição do chapéu cardinalicio foi feita, no Consistorio Público de 14 de dezembro. Do Instituto Histórico do Ceará. Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

BIBLIOGRAFIA: — "Da Hemiplegia sphin- gitica pelo professor Pitres. Lições recolhidas por Emile Bitot... e traduzidas pelo Dr. Bruno Chaves" (Paris, G. Steinhel, 1889), 8°; "La réglementation de la prostitution au Brésil" (Bruxelas, H. Lambertin, 1899); "Estudo medico-chimico do mercurio e seus compostos... These apresentada á Faculda- de de Medicina da Bahia, em 25 de agosto de 1887" (Baia, Impr. Popular, 1887), 4.º de 408 p.; "Du salicylate de mercure et de son action thérapeutique dans les maladies vénériennes et syphilitiques et dans quelques dermatoses et affections oculaires" (Paris, G. Masson, 1888), 8.º; "Relatorio da Pro- vedoria da Sta. Casa de Misericórdia de Pelotas, correspondente ao biennio de 1917-1918" (Pelotas, Of. Tip. do Diario Po- pular, 1919).

Bruno de Azevedo —

Dirigiu a "Folha do Comercio" (Campos, Tip. da "Folha do Comercio", praça São Salvador, 27, 1909), 1.º n. em 10 de julho, órgão da Associação Commercial de Campos, dirigiu-a com Mucio da Paixão e Teófilo Guimarães. Na fase inicial teve o concurso do padre Alberto Lopes de Andrade e de Valfredo Martins.

Bruno de Martino —

Publicou: — "Conversa dos Sinos" (Rio, Pongetti, 1932), 8.º de 164 p., capa illus- trada; "Um Livro Original. Sais de Bron- ze. Novella" (Rio, Record, editora 1934), 8.º de 166 p.

Bruno de Meneses — Bento Bruno de Meneses Costa — N. em Belem (Pará) 21-3-1893.

Filho de Dionisio Cavalcanti de Meneses e de D. Balbina Barbosa da Conceição Me- neses. Fez seus estudos na cidade de Be- leme, ao Pará. Funcionário de categoria no Tesouro Público do Estado, servindo, atual- mente, na Secretaria de Estado da Agricul- tura e Pecuaria do Pará. Estreou nas le- tras em 1920. Daí por diante colaborou in-

telectual e materialmente, em revistas e jor- nais de Belem: suas crônicas, poesias e apre- ciações literarias; trans- puseram fronteiras apa- recendo seu nome em varias publicações da capital do país e dos Estados. Em setembro de 1923, chefiando uma pleiade renovadora, com Abguar Bastos, Paulo de Oliveira, Nuno Vici- ra, De Campos Ruber- to, Jaques Flores e Cló- vis de Gusmão, fundou a revista "Belem No- va", semanal.



BIBLIOGRAFIA: — "Crucifixo", versos sim- bólistas (Belem, 1920), livro de estréia; "Maria Dagmar", novela, na revista "Belem Nova" (Belem, 1924); "Bailado lunar", poema modernista, (Belem, 1924); "Poesia", (Belem, 1931); "A margem do 'Cria Pitan- ga", estudo literario: em preparo; — "Fla- gellados", e "Povo Avante", romances.

Bruno Figueiredo — (Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo) — N. na cidade de Ara- cati (Ceará) — 6-10-1852. F. na cidade de Aracati (Ceará) — 29-9-1930.

Filho de Canillo Rodrigues da Silva Fi- gueiredo e de D. Francisca Cândida da Sil- va Figueiredo. Começou os estudos em Ara- cati, concluindo-os no Seminario de Forta- leza, recebendo as ultimas ordens das mãos do bispo D. Luiz Antonio dos Santos, em 30 de novembro de 1875. Ainda aluno, ensi- nou no Seminario o 2.º ano de preparato- rios e, depois de ordenado, o 4.º ano, ate junho de 1878, quando passou a dirigir o Ateneu Cearense. Abriu o Instituto de Hu- manidades, com monsenhor Cruz Saldanha, e dirigiu-o ate 1884. Foi professor interino de Filosofia no Liceu do Ceará, tendo me- recido, em concurso, a mesma nota que o seu competidor Joaquim Catunda, que nela foi provido efetivamente. Transferindo-se a Ma- naus, tirou, em concurso, a cadeira de La- tim do Liceu, e foi professor no Seminario Externato de S. José e Colegio de Santa Teresa. No Maranhão, aonde esteve a pas- seio, foi professor interino de Latim no Li- ceu e lecionou Liturgia no Seminario e outras disciplinas no Externato de Santo Antonio. De volta ao Ceará, foi nomeado professor

BRUNO

◀ Reprodução da página do Dicionário Biobibliográfico Brasileiro, de J.F. Velho Sobrinho, vol II, Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1940. Foi oferecida à família Menezes pelo Professor Clóvis Moraes Rego.

("Dicionário Biobibliográfico Brasileiro", de J.F. Velho So- brinho, vol. II, Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1940)

“Mas faze o bem, no anseio de horas calmas
que hás de imortalizar tua memória
pela saudade e gratidão das almas”

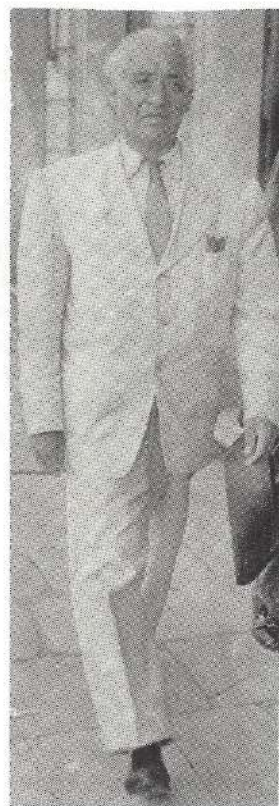
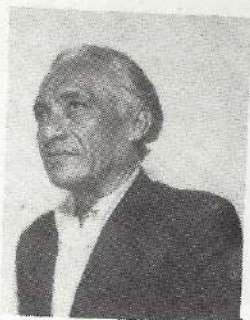
(Poesia. 1931)

*Monsenhor Geraldo e
seus pais, dona Francisca
e Bruno
de Menezes*



*Família Menezes: em pé — Irmã Marília, Bruno,
Monsenhor Geraldo, o médico José Haroldo, dona
Francisquinha, e o magistrado Stélio. Sentadas:
Leonora, Maria de Belém e Maria Ruth.*





“Toda a volúpia estética do Poeta
que eu sou, para a Poesia que em mim sinto,
provém desse Querer em linha reta”

Belém, cidade dos cheiros de São João

Bruno de Menezes

Hoje minha Cidade amanheceu trescalante,
cheirando a vegetais odorantes, a raízes maceradas,
a bulbos rescendentes, a pataqueiras de igarapés,
a folhas de vinde-cá-pajé, a cascas de arataciú,
a serragens de pau d'Angola, a capelas cor de musgo,
entrancadas de fetos verdes, com que a nossa gente do norte,
se enfeita de coroas silvestres, como nas antigas festas
[campestres,
para louvar São João e acender fogueiras votivas,
que foram o fogo das cavernas e dos moquéns selvagens...

Os santos de junho são uns santos folieiros,
que alegam os subúrbios e apreciam os fogos pirotécnicos
Só têm saudades dos balões multicores, porque queimavam
[palhoças
E também as plantações dos banquezeiros, dos senhores
[prestigiosos.
Mas, na quadra joanina, São João gosta da cidade cheirando,
desde a doca do Ver-o-Peso, onde os traficantes e os
[“marreteiros”
enganam os caboclos sabidos, e os turcos negociam coisas
[falsas...

Desde as calçadas da Recebedoria, onde os ambulantes pagam
[impostos,
vendendo acorados nas pedras brutas...
Desde a rampa do cais poeirento, cheio de vozeria,
onde as frutas, os legumes, o carvão, a farinha d'água,
vindos nas igarités primitivas, deixam isso para o povo
que compra por uns preços que nem se discutem mais...

Todos esses recantos amanhecera mandando no sopro do
[vento
o cheiro tirado da terra para cidade se banhar,
este cheiro que entra pela João Alfredo, invade os ônibus
[grã-finos,
belisca os braços das brancas, das mulatas, das curibocas, das
[roxinhas
entra nas casas de comércio, nos botequins, nas farmácias que
[preparam drogas;

Vai bulir com as moças de Quatro e Quatrocentos
até com os malandros “mordedores”...

Há gente que fica tonta de aspirar este cheiro bom,
que serve de afrodisíaco para os amores luso-africanos,
que andam nas ruas do comércio, nas praças adjacentes,
como se uma porção de mulatas, de mulheres diferentes das
[outras,
saíssem de um banho tribal, de ritualismo nudista, feito de
[cheiros bravios.
Quanto povo, quanto colorido interessante, quantas caras
[diversas,
— tudo isso circulando dentro das ondas de cheiro-cheiroso de
[S. João
comprado das velhas curandeiras, dos ervanários dos
Mercados,
que sabem de cor os nomes dos matos aromáticos, dos trevos,
dos breus defumatórios, das infusões que dão sorte...

Por isso é que, apesar dos pesares, minha cidade não se
[entrega,
e faz questão de ser paraense, mesmo vestida de chitão.
Porque ela empobreceu sem saber como e nem os Poetas
[também...

Eu louvo, porém, a minha Cidade otimista, que está mudando
a sua fisionomia regional, mas sempre alegre como as
[cabrochas
que são do amor, que fazem raiva com o cheiro aperitivo dos
[seus corpos.

Quando a quadra joanina entra no fogo, minha Cidade
se enfeita e põe foguetes estrelados, queima foguetinhos caro,
comprados com o dinheiro do seu suor, que ela recebe
sem saber se vem do salário mínimo ou da exploração
[organizada...

Hoje, minha Cidade, na hora do banho tradicional,
lembra-te de mim também e das amadas que não brincam
mais o São João nos terreiros, nem tiram sorte para saberem
[das coisas...

Toma o teu banho de cheiro-cheiroso e deixa que ele
se grude na tua pele, para fazer a denúncia dos amores que
[tiveres,
para que saibam te apreciar,
para que saibam que ainda és tu a nossa querida Belém de
[outrora!

24.6.1952

▼ Uma das ilustrações do desenhista Raymundo Martins Viana para a edição especial de Batuque



O compositor Gentil Puget deu interpretação musical a alguns trechos deste poema ►

Alma e Ritmo da Raça

Bruno de Menezes

A luz morde a pele de sombra e os cabelos
lustrosos quebrados da cor sem razão.
E os seios pitingas, o ventre em rebojo,
as ancas que vão num remanso rolando
no tombo do banjo.

A luz tatuou a nudez de baunilha
do corpo que cheira a resinas selvagens.
Botou-lhe entre os beijos de polpa mangabas
um quarto de lua mordido sorrindo.

No rosto crioulo dois sóis de jarina
brilhando nos olhos.
... E o sumo baboso espumoso, meloso,
da fruta leitosa rachada de boa!

A carne transpira... E o almíscar da raça
é o cheiro "malino" que sai da mulata.
O banjo faz solo no fim do banzeiro;
— lundús choradinhos batuques maxixes.

E os braços se agitam, se afligem batendo,
as coxas se apertam se 'alargam se roçam
os pés criam asas voando pousando.

É o Congo Loanda
Angola Moçambique
É o sangue zumbi
tentação do português.

As mãos vão palpando o balanço dos quartos,
subindo pra nuca com os dedos fremindo,
rolando o compasso no fim da cadência.

Não é candomblé não é "Santa Barbara",
nem banzo banzado bom carimbó bolinoso;
— bailado benguela de gente sem nome
que agora machuca as "sinhora" e os "sinhô".

Rodando ela faz o melêxo de tudo
no tal peneirado das carnes macias...

Todinha canela em polvilho cheiroso,
folha seca de fumo enrolado no sol,
sua boca rescende a acidez que amortece.
Seu corpo que é todo que nem pau-d'angola
deve ter gostosuras de morte pedida
depois de dansar...

E o branco sentindo xodó pela preta,
agüentando a marêta gemendo no fungo,
bem quer e não pode mas vai de teimoso
se acabar no rebolo da bamba africana...

A luz morde a pele de sombra e os cabelos
lustrosos quebrados da cor sem razão.
Também se fartou de cheirar cumaru
nos bicos dos peitos da preta inhambu.

E o banjo endoidece tinindo nas cordas
tantans retezados.
O corpo viscoso se estorce nas pontas
dos pés maxixeiros.

A luz vai sumindo... E o banjo nos lembra
dos filhos do engenho, da escrava, da Izaura
tão dungo no dengo
que é dom desta raça cotuba no samba.

... E fica rolando no espaço escurinho
o cheiro aromoso, o sumo baboso,
da fruta leitosa rachada de boa!...

(In: Batuque, 1931)

Batuque

Bruno de Menezes

- (1) — “Nêga qui tu tem?
— Maribondo Sinhá!
— Nêga qui tu tem?
— Maribondo Sinhá!”

CANTIGA DE BATUQUE — (MOTIVO)

RUFA o batuque na cadência alucinante
— do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeios,
cabindas cantando lundus das cubatas.

Patichouli cipó-catinga priprica,
baunilha pau-rosa orisa jasmin.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio,
crioulas mulatas gente pixaim...

- (1) — “Nêga qui tu tem?
— Maribondo Sinhá!
— Nêga qui tu tem?
— Maribondo Sinhá!”

Sudorancias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada,
as palmas batem o compasso da toada.

- (2) — “Eu tava na minha roça
maribondo me morden!...”

Ó princesa Izabel! Patrocínio! Nabuco!
Visconde do Rio Branco!
Euzébio de Queiroz!

E o batuque batendo e a cantiga cantando
lembra na noite morna a tragédia da raça!

Mãe Preta deu sangue branco a muito “Sinhô
moço”...

- (3) — “Maribondo no meu corpo!
— Maribondo Sinhá!”

Roupas de renda a lua lava no terreiro,
um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requieiros.

- (1) — “Nêga qui tu tem
— Maribondo Sinhá!
— Maribondo num dexta
— Nêga trabalhá!...”

BATUQUE

BRUNO DE MENEZES



EDIÇÃO ESPECIAL
COMEMORATIVA DOS FESTEJOS DOS 350.º ANI-
VERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE BELÉM

▲ Capa da edição especial de BATUQUE com ilustrações do desenhista Raimundo Martins Viana, em comemoração ao 350º aniversário da cidade de Belém.

E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba,
a onda que afunda na cadência sensual.
O batuque rebate rufando banseiros,
as carnes retremem na dansa carnal!...

- (3) — “Maribondo no meu corpo!
— Maribondo Sinhá!”
— É por cima é por baxo!
— E por todo lugá!”

▲ O compositor paraense Gentil Puget criou motivos musicais para este poema

BRUNO DE MENEZES

(Da Academia Paraense de Letras)

Irmao Jacques:
Enfim, o nosso Candunga,
depois de correr meio mundo,
vai às tuas mãos, para
um grande e fraternal
abraço. Ten sempre

CANDUNGA

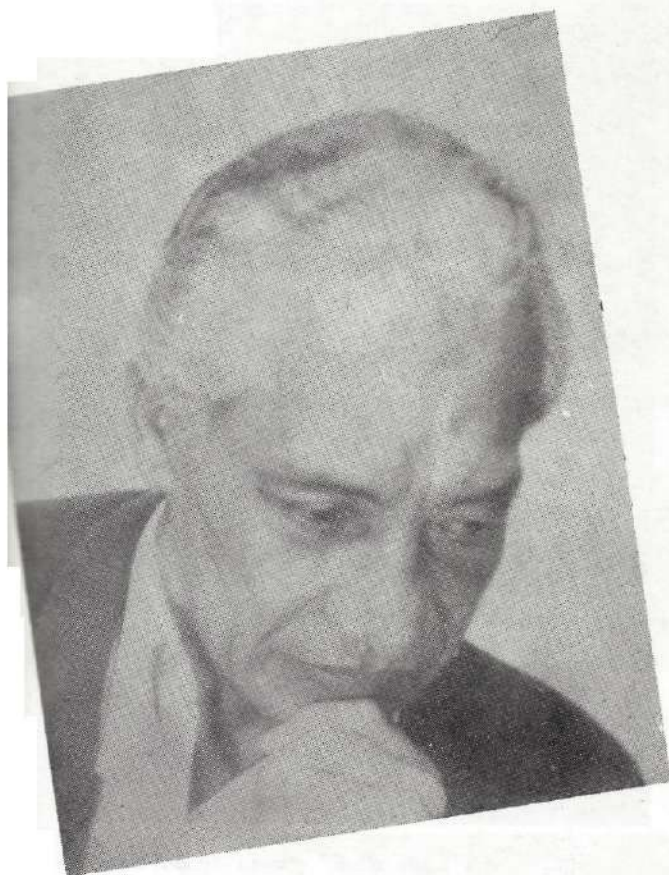
(Cenas das migrações nordestinas na zona bragantina)

Amor e vida
Em 7/12/54

Fac-simile da
dedicatória para
o amigo Jacques Flores,
na folha de rosto de
CANDUNGA

Belém - Pará - Brasil
1954

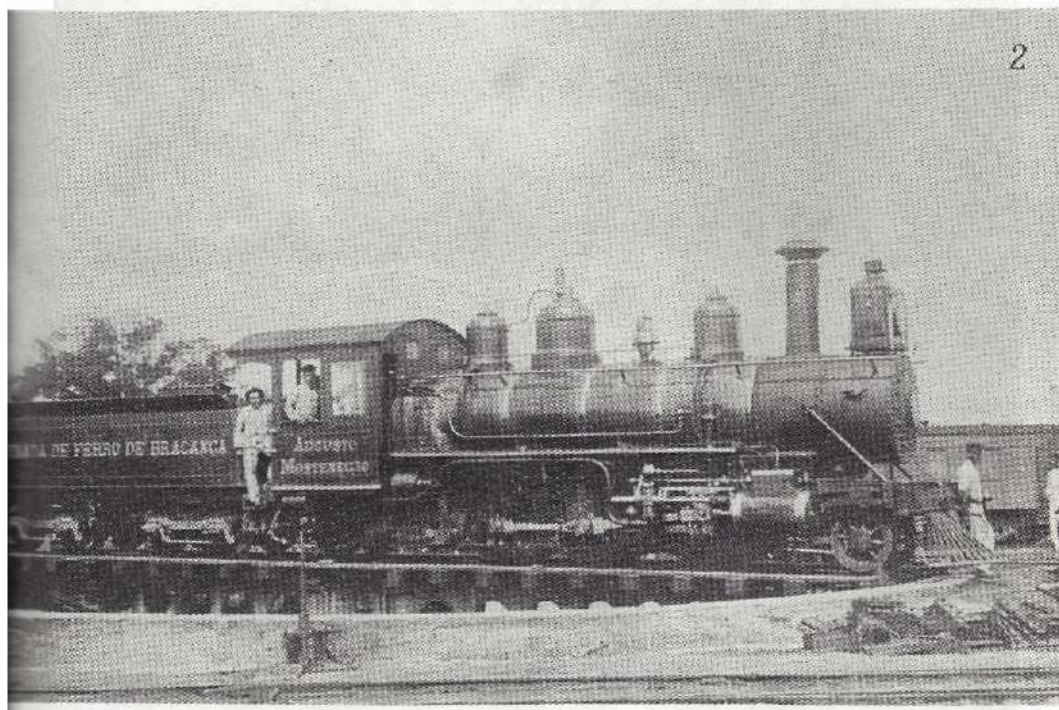
▲ Estação de Belém, Estrada de Ferro de Bragança, onde se dá o drama da migração nordestina, narrado no romance Candunga



“O trem se esbofa a noite inteira. Faz um calor desadorado, mesmo fora dos carros. Escurecendo totalmente a linha, despenca forte chuvada. Os trilhos gastos, assentes em dormentes desaprumados, tornam-se escorregadios; e a máquina, para arrastar a cauda, arranca e bufa aos gorgolejos, como um cardíaco obrigado a andar muitas léguas.”

(fragmento do cap. IV — *Candunga*) Bruno de Menezes

▲ *Candunga*, 1954, marca a estreia de Bruno no romance.



◀ Uma das locomotivas da extinta Estrada de Ferro de Bragança, Pará.

Parecer do relatório da Comissão do Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, à contribuição do Pará, "A Evolução do Boi-Bumbá, como forma de teatro popular", apresentada por Bruno de Menezes, através do representante deste Estado, professor J. Coutinho de Oliveira:

"O autor ocupa-se do auto popular do Boi-Bumbá, que se realiza no Estado paraense. Tentando interpretá-lo, de início, nas suas raízes psicológicas e mesmo sociais, desenvolve, de certa maneira, conceitos emitidos por Nina Rodrigues, Manoel Querino, Arthur Ramos.

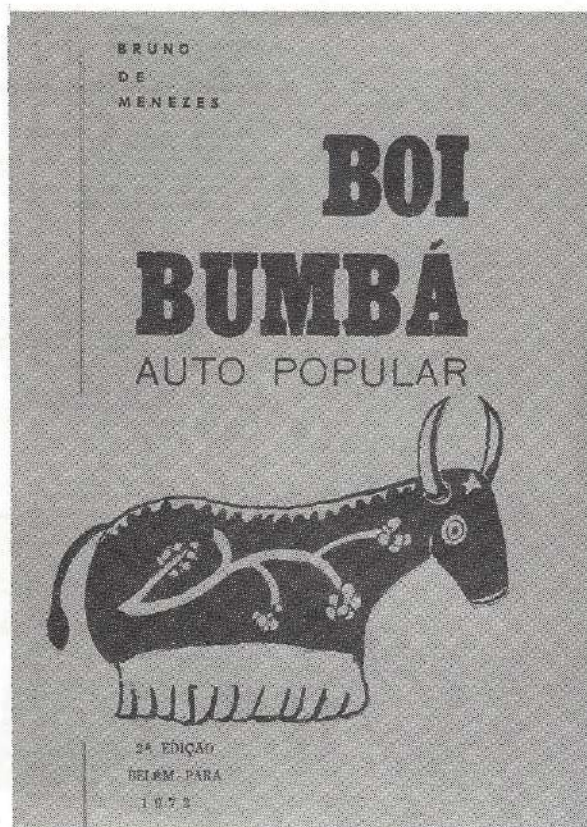
Salienta a função teatral desse auto popular, que viria "evoluindo" (diríamos: modificando) não só na apresentação coreográfica, como também nos seus elementos melódicos e rítmicos.

Para nos dar uma idéia da constituição do Boi-Bumbá paraense, o autor descreve, minuciosamente, as representações que se realizam atualmente. Torna-se interessante ressaltar que as descrições ali registradas evidenciam grande diversidade com as variantes que conhecemos no Sul brasileiro.

Concluimos, após a leitura desse bem elaborado trabalho, que o mesmo deva ser publicado nos Anais do Congresso, pois muitos dados e vários conceitos ali emitidos constituem elementos valiosos para o necessário estudo que se vem fazendo em torno desse interessantíssimo aspecto da demologia brasileira."

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1951.

(a) Osvaldo F. de Mello (filho)



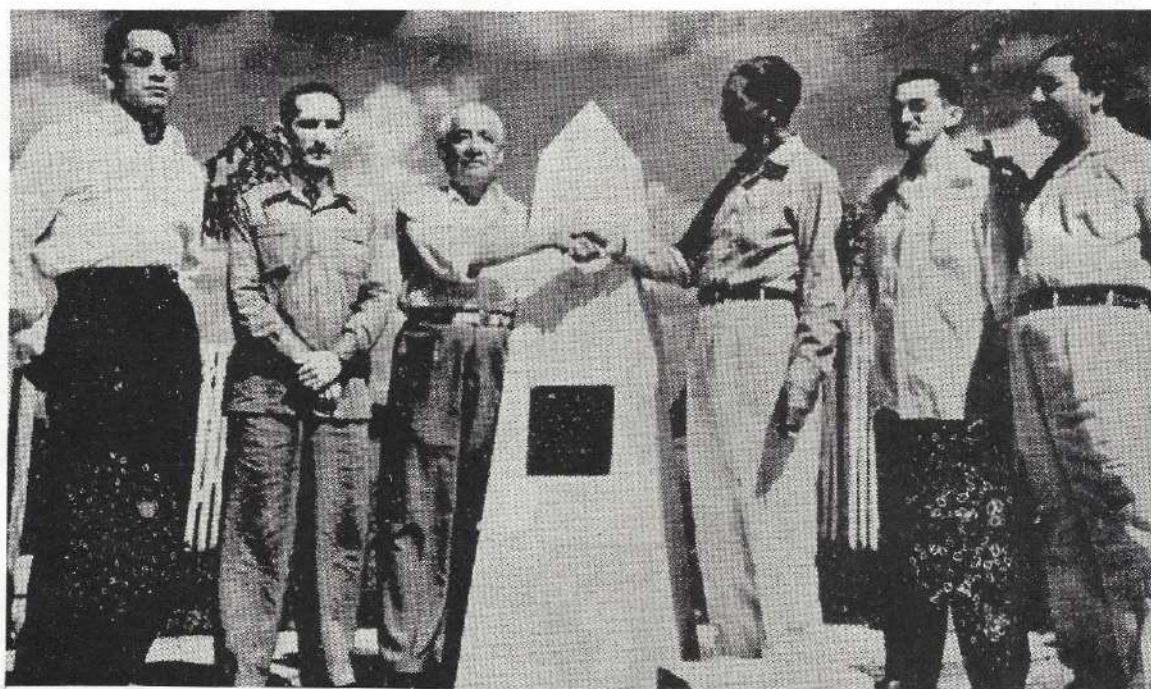
▲ Capa da 2ª edição de Boi-Bumbá (1972), auto popular, estudo folclórico publicado em primeira edição no ano de 1958.

Bruno de Menezes, com a Comissão Paraense de Folclore, em Natal ►





▲ *Instantes de confraternização, no Rio de Janeiro. Da esquerda para a direita: Abguar Bastos,... Jacques Flores, Paulo de Oliveira, Dalcídio Jurandir,... e Bruno de Menezes.*



▲ *Os poetas Bruno de Menezes e Rodrigues Pinagé apertando as mãos na linha do Equador, em latitude zero, no local exato em que os dois hemisférios se dividem, ladeados pelos poetas Georzenor Franco e Jurandir Bezerra. Às extremidades estão os poetas Álvaro da Cunha (de óculos), assessor técnico do governo do Amapá, e Alci Araújo, oficial de Gabinete do Governador. Os poetas estavam no Amapá como delegados da Academia Paraense de Letras, em junho de 1956.*

Marujas da Vila da Barca

Bruno de Menezes

Marujas, sereis vampiros
que as asas tontas abris
para as jornadas noturnas,
em que os corpos consumis?
Perdidas, o vosso dia
vem das noites mal dormidas,
de chuva, de frio e fome,
de morta lua inimiga,
no ganha-pão sacrifício
com beijos que não sentis
porque sois anjos-vampiros.

Andais por velhas estivas,
no burgo, fruto do ventre
da negra barca encalhada
que velejou seu roteiro
de aventuras pelo mar.
É desse chão estivado,
que, desde à inocência ao vício,
ancas em doido equilíbrio,
os homens ides buscar,
singrando pelas estivas.

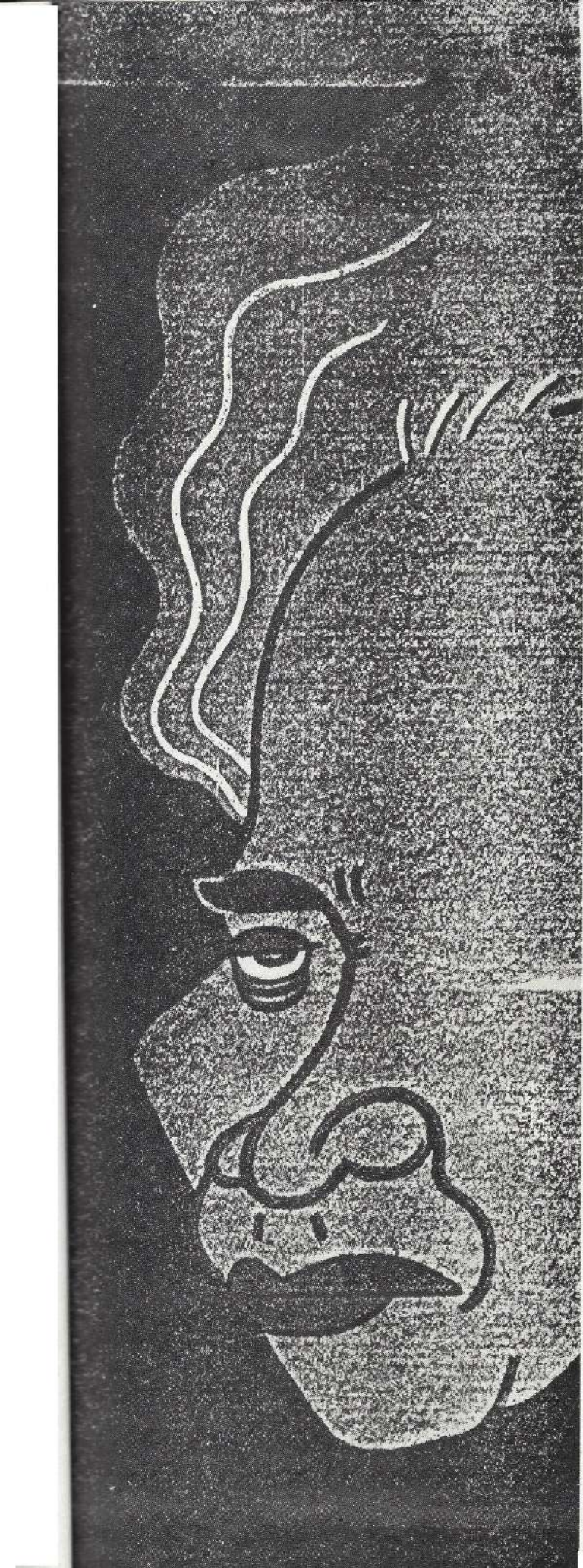
Cuidais dos soltos cabelos
com cheiros de maresia,
no sujo espelho do manguê
que a veleira sepultou,
Tendes no olhar ardências
de febres e amáveis bacilos,
disfarçados na pintura
da boca que já sangrou.
Olhai as tristes ossadas
do arcabouço fantasmal
que desfrutou os abraços
do louco mar sensual
que salgou vossos cabelos.

Quereis cama alcochoada
e outros cúmplices leitos,
se tendes a rede armada
que, servindo para a morte
também convida ao amor?...
Em destinos desiguais
viveis da água cor de barro
que se entumece ao sabor
dos ventos da preamar.
Sempre dela serviçais,
num conformado trabalho,
lavareis os vossos trapos,
sem dormida alcochoada.



◀ Bruno, na sua querida Vila de Barca, entre as pessoas humildes que amava

▶ Bruno, no desenho de Garibaldi Brasil



Poema à África Negra

Bruno de Menezes

Denso óleo macio
banha o teu corpo morno,
em negação da cor e exaltação da treva!
Mar que cheira a betume,
fremes na quente carnação selvagem!

Grande Noite Africana,
com duplas estrelas fulgindo nos olhos!
Os tenros seios de ébano
como escudos agressivos,
— tua plena nudez flori na escuridão,
anima a vastidão da Sombra!

Que amorosa ternura
o urucungo deixou no sabor com que falas.
Rumpis e atabaques,
soturnos, dolentes, em ti sobrevivem,
rufando nas ancas, vibrando no sangue,
batendo batuques de danças do Congo!

Que pássaro preto ou totem guerreiro
dormita no escuro,
no ninho vampiro que trazes no ventre?!...

Nas coxas sedosas, de mármore negro,
tão belo em teus braços, no colo em relevo,
reluz rebrilhando o suor do teu mundo.
Notívaga e nua,
perfumas a alvura dos linhos nevados,
ao langue abandono dormente do sono.
E a rede rangendo
tem doce acalanto de canto negreiro...

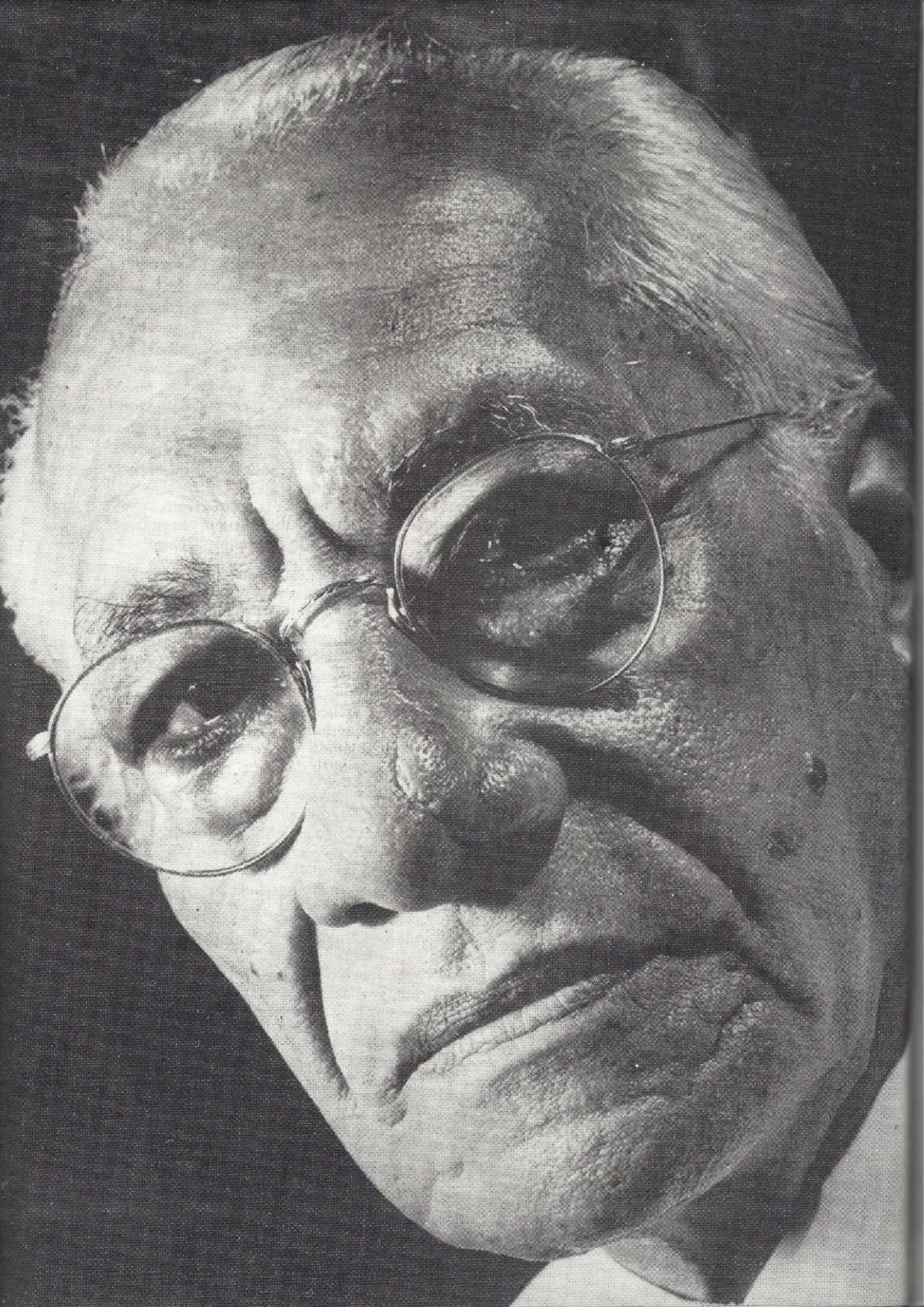
Que sumos agrestes,
de frutos dos trópicos
aromam-te a boca de polpa gostosa!
Ó jovem cativa da triste senzala,
que o banzo da selva
enchia a dormência das horas nostálgicas!

Revives, renasces,
cabindas e congos, os reis moçambiques!
Em torno ao teu vulto,
no toque lascivo do rito profano,
regiram, revoam,
as asas em luto de um corvo faminto.

Gloriosa Oferenda!
Ó Mito Sagrado!
Em ti canto a Vida, a Força fecunda,
o corpo que é seiva da terra ancestral!

Ó África estranha!
Envolta em mistério, liberta em grandeza!

Redimes teu povo,
no Símbolo vivo da Negra Beleza!



*Dona Francisquinha
a esposa dedicada,
entregando a medalha
do Prêmio da Academia
de Ilhéus, em
solenidade na Academia
Paraense de Letras*



“A missão da mulher sobre a terra é ser boa.
prender os corações, catequisar as Almas.
Dentro da humana fé tudo olvida e perdoa
este Anjo tutelar, de asas no azul espálmias.

(Missão Benedicta, In: *Crucifixo*)



◀ Última foto tirada em Manaus, a 30.06.63, no encerramento do VII Festival Folclórico, acompanhado do folclorista Nóbrega da Fonte, do Rio de Janeiro.

Segue, Hoje, Pela Paraense, o Cortejo do Saudoso Escritor Bruno de Menezes

O mais talentoso folclorista da Amazônia recebeu sentidas homenagens na sede da Academia de Letras — O cortejo passará pelo Estádio "General Osório"

Desde muito tempo, a Academia de Letras da Paraense, através de suas comissões, vem realizando estudos e pesquisas sobre o folclore da Amazônia. Hoje, no encerramento do VII Festival Folclórico, a Academia de Letras da Paraense, através de suas comissões, vem realizando estudos e pesquisas sobre o folclore da Amazônia.

O cortejo, organizado pela Academia de Letras da Paraense, passará pelo Estádio "General Osório" e terminará na sede da Academia de Letras. O cortejo será composto por uma banda de música, uma comissão de dança e uma comissão de folclore. O cortejo será acompanhado por uma comissão de folclore e uma comissão de dança.

A morte do escritor Bruno de Menezes, que ocorreu em 1963, foi uma grande perda para a literatura brasileira. Bruno de Menezes foi um dos mais importantes escritores da Amazônia e um dos mais importantes folcloristas do Brasil. Sua obra é considerada uma das mais importantes da literatura brasileira e uma das mais importantes do folclore brasileiro.



BRUNO DE MENEZES que a morte, traiçoeira, roubou, porém, do nosso convívio

Recorte de jornal amazonense, do arquivo da família Menezes ▶

Canto do Grupo Muiraquitã

Bruno de Menezes

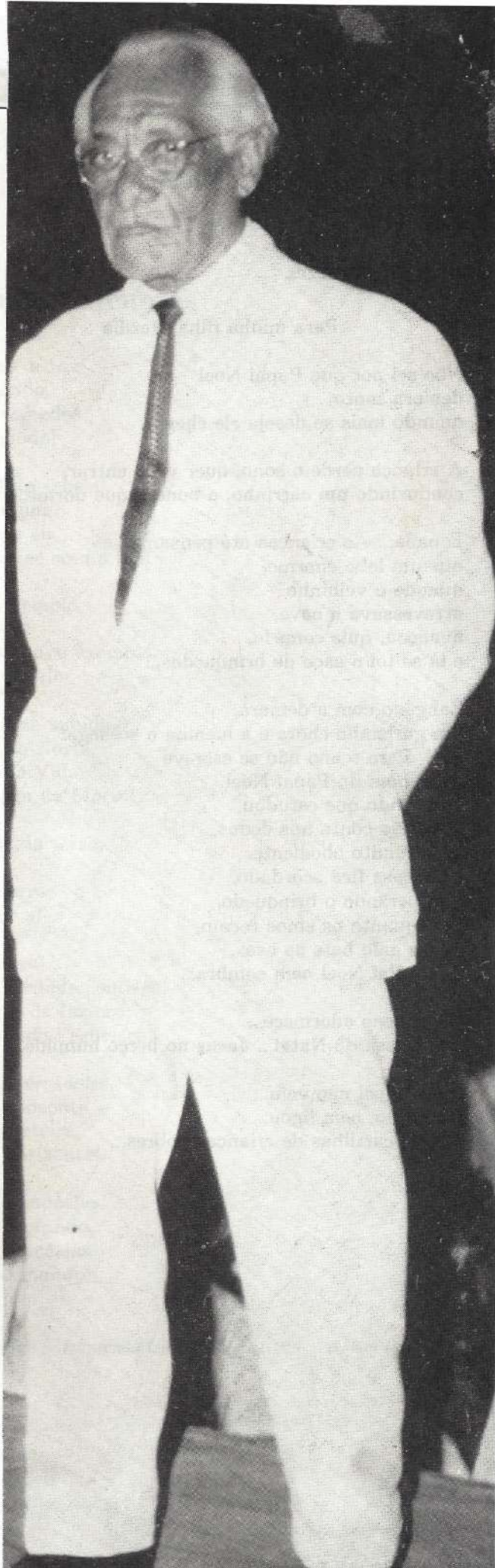
Muirakitã! Muirakitã!
Espelho da Lua
no lago brilhou!
Das Icamíabas
a Festa do Amor
Que Lua encantada,
o noivo chegou,
guerreiro sonhado
da Noite de amor!

No leito do lago,
que lindo noivado
das Icamíabas!
Da noite de lua
esposas amadas!
Na selva reponta
o sol da manhã,
no fundo do lago
está o mistério
do Muirakitã!

A esposa ao guerreiro
o verde amuleto,
num fio de cabelo
lhe dá de lembrança,
no adeus do noivado
da noite de amor
da esposa-cunhã!
Muirakitã! Muirakitã!

1963 — Último poema, feito em Manaus na tarde de 1.º de julho, que seria musicado pelo maestro Nivaldo Santiago, para o Grupo Muirakitã, do Sesc-Senac daquela capital, a quem estava dando um curso de folclore. No outro dia o poeta morreria, vítima de infarto do miocárdio.

*Uma das últimas
fotos tiradas em Manaus
antes de sua morte*



História de Natal (1938)

Bruno de Menezes

Para minha filha Marília

Não sei por que Papai Noel
demora tanto,
quando mais se deseja ele chegar.

A criança perde o sono, quer vê-lo entrar,
conduzindo um carrinho, a boneca que dorme...

E nada... As crianças até pensam
que um lobo enorme,
quando o velhinho
atravessava a neve,
avançou, quis comê-lo,
e lá se foi o saco de brinquedos...

Zangado com a demora,
um gurizinho chora e a menina o sossega:

— Para o ano não se escreve
ao bom do Papai Noel
dizendo que estudou,
já não conta nos dedos,
foi muito obediente.
Pois-se fica acordado,
esperando o brinquedo,
enquanto os sinos tocam,
um galo bate as asas,
e o Pai Noel nem sombra...

O pequeno adormece...

E a Missa do Natal... Jesus no berço humilde...

Papai Noel não vem...

Ou então, nem ligou...

Não lê cartilhas de crianças pobres...

A meu pai

Marília Menezes

Eu não te amei bastante, nem te conheci,
meu pai poeta,
eu, tua filha predileta,
tua filha freira
de quem sempre levavas o retrato.

Eu não te amei bastante e nem te compreendi,
meu pai poeta,
em teu sonho incessante,
tua busca de esteta, em tua fuga do cotidiano

Eu não te amei bastante e nem te percebi,
meu pai poeta,
em tua vida ao meu lado,
ora curva, ora reta,
sempre grande, afinal.

Mas eu te amei bastante e te atraí,
meu pai poeta,
a morrer junto a mim,
no final da tua meta,
no encontro com Deus que te chamava,
em um tempo e local determinados,
para o lugar da Eterna Poesia,
meu pai poeta.